

**ENSINO DE GEOGRAFIA E EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: práticas de  
leitura e interpretação de textos**

**Géssica Nayara Tavares Melo**

Licenciada em Geografia pela Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão.  
E-mail: gessica\_nayara13@hotmail.com

**Juniele Martins Silva**

Doutora em Geografia pela Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia,  
Campus Presidente Prudente. Nepsa/CNPq.  
E-mail: junielemartins@yahoo.com.br

**Resumo**

A leitura é um processo de aprendizagem contínuo, complexo e plural, que não se restringe a determinados níveis de ensino ou a disciplinas específicas. Considera-se que por meio da leitura da palavra, é possível fazer a leitura e a interpretação/reflexão do mundo, da vida e do espaço vivido. A Geografia permite a operacionalidade do espaço de maneira mais completa, desenvolvendo capacidade de compreender fenômenos ausentes do cotidiano escolar e ao mesmo tempo utiliza o cotidiano para compreender o espaço, a partir de diversas formas de leituras. Nesse contexto, propõe-se discutir a importância da leitura e da interpretação de textos no ensino de Geografia, com ênfase na Educação de Jovens e Adultos. Para o desenvolvimento da pesquisa foram feitas leituras e levantamento e análise de dados. Buscou-se subsídio teórico em autores como: Freire (1984, 2017), Callai (1998, 2005), Cavalcanti (2002), Pontuschka (2009), Veiga (2011), Antunes (2012), dentre outros. Ao discutir a leitura e a interpretação de textos no ensino de Geografia, verifica-se importante o aluno, nas aulas de Geografia, ter liberdade para questionar, pensar e desenvolver sua autonomia. Ressalta-se, ainda, o papel do professor, como mediador na prática da leitura e da interpretação de textos, ao contribuir com estratégias e atividades, que conduza o aluno à compreensão de textos, utilizando o conhecimento prévio.

**Palavras-chave:** Geografia. Leitura. Interpretação de textos.

**TEACHING OF GEOGRAPHY AND YOUTH AND ADULT EDUCATION (EJA):**

reading and text interpretation practices

**Abstract**

Reading is a continuous, complex and plural learning process that is not restricted to specific levels of education or subject. It is considered that through the act of reading, it is possible to make interpretations and reflections about the world, the life and the lived space. The Geography itself allows the performance of space in a more complete way, developing the capacity to understand phenomena that are not present in daily school life and at the same time uses the everyday to understand space, from several ways of reading. In this context, it is proposed to discuss the importance of reading and interpreting texts in Geography teaching, with emphasis on the Youth and Adult Education (EJA - Educação de Jovens e Adultos). In order to develop the research, readings and data collection and analysis were made.

Theoretical support was found in authors such as Freire (1984, 2017), Callai (1998, 2005), Cavalcanti (2002), Pontuschka (2009), Veiga (2011), Antunes (2012), among others. When discussing the reading and interpretation of texts in the teaching of Geography, it is important for the student in class to have the freedom of questioning, thinking and developing their autonomy. An emphasis is made to the role of the teacher as mediator in the practice of reading and interpreting texts, contributing with strategies and activities that lead the student to texts comprehension using previous knowledge.

**Keywords:** Geography Teaching. Reading. Text interpretation.

## **Introdução**

A leitura é um processo de aprendizagem contínuo, complexo e plural que não se restringe a determinados níveis de ensino ou a disciplinas específicas. Sabe-se que a leitura é fundamental para a formação do sujeito, pois ela amplia o vocabulário, as expressões, o conhecimento e a capacidade de argumentação, e envolve o aluno/sujeito leitor com ideias, que lhe dará enfoques abrangentes para o conhecimento cultural, do qual depende o seu desenvolvimento individual e social.

Assim, despertar o interesse pela leitura e estimular os alunos a interpretarem o texto lido é um trabalho que exige paciência e persistência dos professores, independente da disciplina que atuam. Trazer o texto para a realidade do aluno, é eficiente para fazê-lo entender e refletir o que leu.

No que refere-se a leitura e a interpretação de textos no ensino de Geografia, salienta-se a importância dos livros didáticos, por se configurar o principal recurso pedagógico presente nas escolas públicas, utilizado como apoio de ensino-aprendizagem da leitura. No entanto, enfatiza-se que outros gêneros textuais podem contribuir, como exemplo, cita-se as fábulas, por serem textos curtos, chamam a atenção dos estudantes e auxiliam a levá-los à interpretação das entrelinhas.

O objetivo geral deste trabalho é compreender a importância da leitura e da interpretação de textos no ensino de Geografia para a formação do sujeito, com ênfase na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Na pesquisa foi empregada a pesquisa teórica, sendo consultados referenciais sobre as variáveis: a) a importância do aluno-leitor; e b) a leitura e a interpretação de textos no ensino de Geografia e na Educação de Jovens e Adultos. Teve-se por base autores como: Freire (1984), Schwartz (2012), Cavalcanti (2002, 2005), Callai (2005), Callai (1998, 2005), Cavalcanti (2002, 2005), Pontuschka (2009), Veiga (2011), Antunes (2012), dentre outros.

A escolha pela temática se justifica pelo fato de considerarmos a leitura um meio para o cidadão compreender e conscientizar-se sobre o espaço onde está inserido. O fato é que, há pessoas que não gostam de ler, porque encontram dificuldade na decodificação e na interpretação das informações contidas no texto. Essa dificuldade, na maioria das vezes vem do começo da alfabetização, logo quando criança, os professores não conseguem trabalhar a questão da leitura e, conseqüentemente, da interpretação de textos. A opção por essa temática de estudo deve-se, também ao período de observações e de regências, durante o Estágio Supervisionado em Geografia, no ano de 2017, realizado no Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA) Profa. Alzira de Souza Campos, localizado em Catalão (GO).

Espera-se que as discussões aqui apresentadas possam contribuir para uma melhor compreensão da Educação de Jovens e Adultos e para o desenvolvimento de práticas de leitura crítica nessa modalidade de ensino, principalmente no ensino de Geografia, considerando as vivências e as experiências, e conseqüentemente, ampliem os saberes desses sujeitos e proporcione-lhes novas experiências e novas práticas de leitura.

### **A importância do aluno-leitor no ensino de Geografia**

O sistema educacional brasileiro enfrenta, constantemente, novos desafios relacionados ao processo de ensino e aprendizagem. A escola como instituição social, deve possuir como uma de suas metas a tarefa de elevar a autoimagem<sup>1</sup> do aluno, conduzindo-o a assimilação de saberes essenciais para a sua formação pessoal e profissional. Neste contexto, a leitura torna-se significativa para obtenção de resultados satisfatórios.

A prática da leitura se modifica de acordo com as transformações da sociedade. A humanidade cresce, expande seus horizontes, o livro e os outros tipos de leituras impulsionam esse avanço, dependendo de sua proposta educativa. Em alguns momentos podem ser usados contra a alienação cultural, outrora para imortalizar os fatos, os acontecimentos, a história social, a política, a religiosa, a ficção e outros tipos de textos.

Nesse sentido, acredita-se que o ensino de Geografia propicia aos alunos a compreensão do processo de constituição de sua identidade e auxilia na formação de sua cidadania. Aliás, identidade e cidadania podem assumir importância no contexto dessa

---

<sup>1</sup> A autoimagem é a parte descritiva do conhecimento que o indivíduo tem de si próprio. É a descrição que a pessoa faz de si mesma.

disciplina, tendo em vista a obtenção de uma leitura eficaz para a construção de diferentes saberes.

A Geografia possibilita as diferentes leituras de mundo, tem relevância para a construção de conhecimento, como o estudo do espaço geográfico e suas manifestações a partir da relação homem-natureza-homem. A Geografia trabalha com conceitos ligados ao social, cultural, político e econômico que são fundamentais para a vida dos alunos, conceitos esses que trabalhados adequadamente, proporciona uma maior interação entre o cotidiano e o conteúdo abordado em sala de aula. Enfatiza-se a importância de se trabalhar com o conhecimento dos alunos, pois são sujeitos ativos e construtores de conhecimento “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.” (FREIRE, 2017, p. 24).

A leitura é uma prática essencial para a construção do conhecimento e o exercício da cidadania. O ato de ler faz os indivíduos ir em busca da percepção crítica, da interpretação/reflexão e até mesmo da reescrita do lido pelo indivíduo. A leitura de mundo é fundamental para a compreensão do ato de ler. Para Freire (1984),

[...] é importante dizer, a “leitura” do meu mundo, que me foi sempre fundamental, não fez de mim um menino antecipado em homem [...]. Fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi o meu quadro-negro; gravetos, o meu giz. (FREIRE, 1984, p. 16).

Freire (1984) enfatiza a necessidade de perceber que o aprender, o ato da leitura pode ser realizado em qualquer lugar desde que o leitor sinta “prazer” na ação que está exercendo. O aprender pode ser desenvolvido de diversas maneiras. O autor apresenta fatos de sua infância como importante começo de contato com a leitura. Segundo Freire (1984), a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra. O ato de ler vem das experiências. O mundo em que ele se movia foi a sua primeira leitura e depois a leitura da palavra, que para ele nem sempre ao longo de sua escolarização, foi a leitura da “palavramundo”. A leitura do seu mundo foi sempre fundamental para a compreensão da importância do ato de ler.

Sobre o assunto, Cavalcanti (2005) corrobora ao afirmar que todo indivíduo antes de ir para escola, tem uma percepção de lugar, histórias e memórias, adquiridas a partir de suas experiências. Essa “bagagem” das memórias e das histórias que o aluno carrega é que começa sua criatividade e entusiasmo para a construção de novos conhecimentos. Todo conhecimento é um processo, pelo qual todos vão adquirindo novas experiências e novas relações no meio em que vivem.

O estudo do espaço geográfico e das manifestações se dá a partir da relação homem-natureza-homem. Cabe ressaltar o papel da Geografia para a construção e a continuação desse conhecimento da “palavramundo”, em que possibilita a auto-organização espontânea, a partir dos movimentos de organização. Dessa forma,

consideramos que a leitura do mundo é fundamental para que todos nós, que vivemos em sociedade, possamos exercer nossa cidadania. Uma forma de fazer a leitura do mundo é por meio do espaço, o qual traz em si todas as marcas da vida dos homens. Desse modo, ler o mundo vai muito além da leitura cartográfica, cujas representações refletem as realidades territoriais. (CALLAI, 2005, p. 228).

A Geografia viabiliza as diferentes leituras do mundo, tendo como suporte para isso, os diversos conteúdos e conhecimentos que há dentro do ensino. Dessa maneira, o estudo da Geografia ganha credibilidade, já que apenas a espacialização por si só não tem valor sem a análise feita sobre ela. “Os conceitos geográficos são instrumentos básicos para a leitura do mundo do ponto de vista geográfico.” (CAVALCANTI, 2002, p. 15).

Para Callai (1998, p. 13), a Geografia é a ciência que estuda, analisa e tenta explicar o espaço produzido pelo homem e, enquanto disciplina de ensino, ela permite que o aluno “[...] se perceba como participante do espaço que estuda, onde os fenômenos que ali ocorrem são resultados da vida e do trabalho dos homens e estão inseridos num processo de desenvolvimento.”

Da mesma maneira, pode-se dizer que a Geografia é compreendida como parte da vida diária de cada cidadão e que por meio da mesma é possível refletir a realidade vivida de cada um, e isso não torna a disciplina de tão difícil compreensão, a ponto de provocar desinteresse.

Ensinar Geografia é mais do que passar informações ou dar conteúdos desconectados, é articular o conhecimento geográfico na dimensão do físico e do humano, superando as dicotomias, utilizando a linguagem cartográfica com intuito de valorizar a Geografia como disciplina escolar, é tornar a Geografia escolar significativa com finalidade de compreender e relacionar os fenômenos estudados. (CASTELLAR, 2007, p. 49).

O olhar geográfico do aluno deve ser estimulado, a partir de problematizações acerca de cada conteúdo, e estas problematizações partem de questões simples do próprio cotidiano, como forma de pensar o espaço em diferentes níveis, o “local” e o “global”, assim como as representações. Nesse sentido, no ensino de Geografia pode-se fazer leituras tanto do mapa, como dos textos e outros meios de leitura. Valorizar a Geografia e tornando-a significativa

para os alunos, levando a eles a importância da leitura nas aulas, saber desenvolver o senso crítico desse aluno.

A partir dos argumentos apresentados, ressalta-se que não é somente em Língua Portuguesa que se deve estimular a leitura e a interpretação de textos e outros gêneros textuais. Dessa forma, todas as disciplinas escolares possuem relevância na leitura e na interpretação de textos. A Geografia, também, tem diversas maneiras de se trabalhar conteúdos, seja a partir dos livros didáticos, dos textos de jornais e/ou revistas, dos mapas, dos filmes, das poesias, das músicas e entre outros recursos.

É preciso buscar a reflexão sobre o papel da escola, do professor, dos educandos de frente as suas práticas, qual a finalidade real que este pretende atingir. É preciso motivar programas para aprimorar a leitura do aluno, como na Educação de Jovens e Adultos (EJA), levando assuntos que condiz com a sua realidade, para que possa levar esse aluno a compreensão, criatividade e também um senso crítico.

### **Práticas de leitura e interpretação de textos: Educação de Jovens e Adultos e ensino de Geografia**

Ao estudar questões referente a Educação de Jovens e Adultos é possível perceber o quanto é relevante a cautela com os conteúdos a serem abordados em sala de aula, pois as concepções dos alunos com relação ao ensino/aprendizagem são distintas de acordo com suas respectivas idades e com os contextos sociais no qual estão inseridos. A EJA tem sido uma oportunidade de concluir os estudos, no qual os sujeitos almejam diferentes objetivos: melhores condições de trabalho ou até mesmo busca de viver dignamente na sociedade letrada.

Vale lembrar que estes alunos trazem consigo saberes e experiências vivenciadas. Para isso, faz-se necessário uma leitura contextualizada e diferenciada para que possam fazer uma conexão com sua vivência diária e que assim agucem sua curiosidade.

Parafraseando Freire (1984), a leitura de mundo precede a leitura da palavra, ou seja, antes de uma pessoa ser alfabetizada e aprender a decodificar, segundo esse preceito, ela já saberia ler implicitamente, mas não as palavras grafadas num livro, por exemplo, mas, a grosso modo, essa pessoa saber ler a vida. Cano (2012) afirma que,

a Geografia, juntamente com outras ciências humanas, cumpre o importante papel de analisar e discutir a sociedade. Desse modo entende-se que a

reflexão acerca da estrutura dessa disciplina [...] possa contribuir muito significativamente para a formação de um cidadão crítico em relação à compreensão da realidade. (CANO, 2012, p. 30).

Nessa perspectiva, Freire (2017, p. 121), também, enfatiza que “uma das tarefas essenciais da escola, como centro de produção sistemática de conhecimento, é trabalhar criticamente a inteligibilidade das coisas e dos fatos e sua comunicabilidade.” A omissão da escola em relação à bagagem que o aluno “EJA” carrega de sua existência no mundo traz várias consequências negativas. Poda-se qualquer oportunidade de se ter sujeitos astutos, criativos, que saibam os elementos necessários para sair de sua condição de oprimido a fim de conquistar sua cidadania.

O aluno crítico e reflexivo tem que ter autonomia intelectual. Para Freire (2017), não há diferença e a distância entre a ingenuidade e a criticidade, não há uma ruptura, mas uma superação. Para ele, “a superação e não a ruptura se dá na medida em que a curiosidade ingênua, sem deixar de ser curiosidade, pelo contrário, continuando a ser curiosidade, se critica.” (FREIRE, 2017, p. 32).

A leitura tem esse poder de desmistificar uma dada realidade, seja ela política, econômica, social, entre outras. Isso quer dizer que quando se tem o hábito de ler, é provável que se tenha também a oportunidade de ter uma consciência clara do mundo que o rodeia. Suas possibilidades são ampliadas. Em outras palavras, a leitura contribui para que o ser humano seja sujeito do seu próprio conhecimento, criador de sua realidade, um sujeito autônomo.

Aguiar e Andrade Neta (2015), corroboram com o argumento, ao ressaltarem que o posicionamento crítico do ser-no-mundo como leitor emerge da realização de leituras que o permitam, a partir dos inúmeros textos que o cercam, construir o seu próprio texto. A realização de uma leitura crítica possibilita ao leitor mais do que a apropriação do sentido do texto; ela impulsiona a construção do próprio sujeito-leitor, imerso em sua realidade sociocultural, e auxilia no processo de compreensão, para além do texto escrito, do texto-mundo. Martins (2014) destaca que:

a informação é extremamente relevante na contemporaneidade. Entretanto, sua abundância e velocidade de produção tem lhe conferido um movimento de enfermidade e fluidez. Há necessidade cada vez maior de novas informações. [...] Tal contexto parece deixar em segundo plano a produção de conhecimentos e as experiências, pois tudo passa muito depressa e já não há tempo para as articulações e reflexões necessárias ao processo. (MARTINS, 2014, p. 8).

Tendo em vista o volume de informações (advindas por meio de textos e outras comunicações) a que a sociedade contemporânea tem acesso nos dias atuais, importa discutir, no contexto educacional, o modo como o leitor em formação seleciona e recebe tais textos. O excesso de informações que bombardeiam os cidadãos contemporâneos, traz consigo contradições que geram dúvidas frente às “certezas” e aos “saberes comprovados” repassados pela mídia.

Há de se atentar, para o fato de que a informação e o conhecimento são conceitos distintos. Informação pode ser produzida pela massa em quantidade ilimitada. Contudo, a produção do conhecimento só é possível a partir de mentes individuais, por meio das experiências individuais “é premente que o universo da informação se transforme em algo que provoque, afete/toque e, produza sentido.” (MARTINS, 2014, p. 9).

Martins (2014, p. 9) afirma que “a Geografia escolar, ainda que já tenha ultrapassado a fase da informação mnemônica, continua a ensinar calcada nas informações desarticuladas e fragmentadas, às quais contribuem pouco para a transformação dos sujeitos alunos destes tempos.” Enquanto as instituições escolares insistirem na ideia metodológica e ideológica de transmitir conhecimentos, não se formarão leitores críticos e autônomos que saibam ler o mundo atual.

Entende-se que a leitura crítica desestabiliza o mundo interior do indivíduo, gerando dúvidas e anseios por mudança. A leitura quando é sentida, refletida, indagada, é considerada crítica. Preve e Desiderio (2014) traz uma problematização de um aluno, visível ainda em algumas escolas,

no exercício a professora perguntou o que foi o Tratado de Tordesilhas? E eu respondi, o Tratado de Tordesilhas foi uma linha imaginária que dividiu o Brasil em duas partes, Leste e Oeste. A parte leste para os portugueses e a oeste para os espanhóis. Mas ela disse que minha resposta estava errada, queria que eu escrevesse assim: O Tratado de Tordesilhas foi assinado em 1494 entre os portugueses e os espanhóis e que dividiu o Brasil ao meio. Ao Leste os portugueses e a Oeste os espanhóis. Então a gente já sabe, não adianta responder com nossas palavras porque ela não considera. (PREVE; DESIDERIO, 2014, p. 19).

A estes alunos cabia responder, sem deixar para trás uma vírgula do que estava escrito no livro didático, por mais que queiram usar suas próprias palavras. Aguiar e Andrade Neta (2015) enfatizam que,

práticas de leitura voltadas para a decodificação, cujo foco é a identificação de uma informação no texto, ou para avaliação, através do preenchimento de fichas de leitura ou da produção de resumos, ainda se mostram arraigadas no

ensino escolar, restringindo as atividades de leitura a atividades mecanizadas que seguem sempre, ou quase sempre, o mesmo roteiro metodológico: ler para responder as questões de interpretação que têm, predominantemente, um sentido já determinado pelo professor e/ou pelo livro didático, para resumir a história, para resolver exercícios gramaticais ou ainda, como pretexto para produção de redações. (AGUIAR; ANDRADE NETA, 2015, p. 3).

O ensino de Geografia é complexo, pois a formação socioespacial “se faz não apenas por poesia, mas também por prosa repleta de conflitos” (PREVE; DESIDERIO, 2014, p. 89). Por meio dessas proposições e das de Freire (2017), o objetivo não é que o professor passe a interpretar, criticar e raciocinar pelos alunos. É necessário que o aluno, por meio das leituras consiga se expressar e que o professor o incentive a essa liberdade de expressão.

Os textos geográficos são, geralmente, expositivos e descritivos, e os mapas fazem parte desse tipo textual, saber identificar símbolos, entender a legenda entre outros códigos existentes nos mapas é um fator decisivo para sua compreensão, para isso faz-se uso de níveis de conhecimento. De acordo com Kleiman (2007, p. 13) “é mediante a interação de diversos níveis de conhecimento como o conhecimento linguístico, o textual, o conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto.”

Existem diversos gêneros textuais para trabalhar em sala de aula com os alunos, como por exemplo, revistas, jornais, livros e entre outros gêneros, que podem fazer parte das aulas no ensino de Geografia. Algum recorte em revista cuja finalidade seja informação rápida e dinâmica de elementos do espaço geográfico e dos fatos ocorrentes no cotidiano da sociedade, sempre relacionando com a ciência geográfica. O professor pode destacar a importância de temas atuais, servir como estímulo para que a leitura do texto se torne uma atividade motivadora.

Caso os alunos demonstrem dificuldades em compreender os textos, mapas e outros gêneros, o professor deve ativar o conhecimento prévio dos estudantes. Fazer o uso do conhecimento de mundo que pode ser formal (sistematizado pela escola) e/ou informal (vivência de cada um). A partir dos argumentos de Aguiar e Andrade Neta (2015), averigua-se que a leitura precisa ocupar no processo ensino-aprendizagem, especificamente no ensino de Geografia, de modo a auxiliar os educandos no enfrentamento dos desafios que a vida diariamente lhes impõe.

Aguiar e Andrade Neta (2015), ainda, apontam que para conseguir fomentar na EJA práticas de leitura que corroborem a formação crítica dos sujeitos jovens e adultos, algumas atitudes despontam-se como importantes por parte do educador, dentre elas destacam-se: a) é

necessário conhecer práticas de leitura que esses sujeitos mantêm, nos diferentes contextos onde atuam; b) faz-se necessária a disponibilização de materiais passíveis de leitura variados, impressos, visuais, audiovisuais, gêneros e textos significativos, que tratam de temas e assuntos de interesse de jovens e adultos; e c) a partir da seleção de material de leitura é necessário traçar objetivos bem definidos para a leitura a ser realizada.

Para as autoras, definir previamente os objetivos da leitura pode ressignificar o ato de ler na EJA, pois não se trata, apenas, de ler para aprender a ler, mas de ler como uma possibilidade de buscar informação, de problematizar uma situação, de identificar um problema, de pensar uma solução, de vislumbrar novos mundos, de compreender a realidade, seja ela local ou global. A leitura, assim, precisa ocupar a centralidade do trabalho na EJA, de modo a auxiliar os educandos no enfrentamento dos desafios que a vida diariamente lhes impõe. Nesse sentido, destaca-se a importância da leitura crítica na EJA, não apenas na disciplina de Língua Portuguesa e sim em todas as disciplinas dessa modalidade, no caso específico ressalta-se a relevância da leitura no ensino de Geografia.

Os alunos da EJA, de alguma maneira foram levados a abandonarem os estudos, por diferentes motivos sociais ou pessoais, e na procura por melhores condições de vida resolveram voltar a estudar. Entretanto, para que esses jovens e adultos adquiram uma aprendizagem significativa é preciso que o ensino seja voltado para realidade de acordo com suas vivências. Assim, a EJA e o ensino de Geografia devem propiciar práticas de leitura que os permitam ler criticamente os textos que os cercam, inclusive, o texto-mundo no qual estão inseridos, o que contribui, significativamente, na formação do sujeito enquanto cidadão que atua socialmente.

### **Considerações finais**

A leitura na Educação de Jovens e Adultos não pode ficar restrita, deve se alongar para as relações que os textos estabelecem com as práticas sociais, com os contextos de produção, com as intenções comunicativas de quem escreve e com os saberes que quem lê já possui. Ler criticamente, nessa perspectiva, envolve procurar compreender essas relações. No processo a esse tipo de leitura, a escola desempenha uma função importante, uma vez que se caracteriza como o espaço atual no qual os saberes, as vivências e as possibilidades pela ação mediada e planejado do educador.

Cabe ao professor, estimular os alunos a reconhecer na educação a ponte para a liberdade, para seu desenvolvimento intelectual perante a sociedade. O educador deve obter recursos didáticos adequados a realidade desses educandos, utilizando sua práxis, que para Paulo Freire era entendida como “ação e reflexão”.

O fato do professor da EJA ter metodologias apropriadas a faixa etária de jovens e adultos é essencial para que ele garanta a permanência desses alunos na escola. Usando técnicas e recursos que os façam sentir parte da sociedade. O professor de EJA necessita dominar técnicas e metodologias capazes de, não somente adentrar o universo dos educandos, como também de fazê-los compreender que sua busca por concluir os estudos vale a pena.

O tratamento dado à leitura na escola ancora-se em algumas problemáticas: a formação deficitária do professor que, em muitos casos não se formou leitor, a alfabetização oferecida a muitos jovens e adultos, a má distribuição dos bens culturais, dentre eles o livro, a falta de biblioteca e/ou espaço para leitura, a falta de investimento do governo nas escolas públicas, o autoritarismo que ainda permeia as relações escolares, dentre outras. Existem inúmeras realidades que emperram o processo de criação de uma capacidade e de necessidade da leitura.

Esses empecilhos dificultam o trabalho com a leitura, entretanto não podem impedir de buscar na EJA práticas de leitura, que auxiliem na formação crítica dos educandos, de um lado possibilitando aos sujeitos o acesso aos conhecimentos, historicamente negados, e de outro auxiliando na inserção desses jovens e adultos de forma mais autônoma no universo das práticas sociais do lugar onde vivem, do mundo do qual fazem parte.

É importante a formação de professores para a EJA, pois é essencial que haja uma educação de qualidade, pois somente desta maneira o educador será capaz de elaborar materiais didáticos que resultem bons desempenhos em sala de aula, levando vários gêneros de leituras para as aulas de Geografia. E além disso, mostra-los a importância de continuar os estudos, a fim de que se tornem cidadãos críticos e reflexivos para que possam interagir de forma participativa perante a sociedade.

Trabalhar a Geografia não é apenas reproduzir conhecimentos já estabelecidos, é discutir a relação do sujeito e seu bem-estar no mundo, o aluno precisa estar inserido em um processo que o faça desenvolver seu espírito crítico. A Geografia favorece essas relações a partir do contato com os livros e outros gêneros textuais e sua experiência com a leitura.

A escola precisa efetivamente incentivar os alunos a lerem, pois assim eles verão o mundo de forma mais sensível e criticamente, percebendo o mundo em que vivem e sua

diversidade. E o professor como mediador desse mundo de leitura tem um papel decisivo na medida em que oferece possibilidades aos estudantes.

Enfim, espera-se com este trabalho, incentivar os docentes e futuros docentes de Geografia a trabalhar mais com leituras dentro de sala de aula com os alunos, levar o educador a compreender como o jovem e o adulto veem a aprendizagem da expressão escrita e oral, levar ao educando a compreender a importância de se aprender a arte da leitura e buscar a compreensão dessas. Que a escola possa oferecer projetos que envolvam a leitura, e também que possa oferecer um espaço, no qual os alunos consigam se expressar, criar e sonhar, acolhendo-os e considerando as opiniões adversas.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Ivonete de Souza Susmickat; ANDRADE NETA, Nair Floresta. A importância da leitura na educação de jovens e adultos: de que tipo de leitura estamos falando? # **Tear: Revista de Educação Ciência e Tecnologia**, Canoas, v. 4, n. 1, 2015. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/1890-5952-1-PB.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2018.

ANTUNES, Celso. **Geografia para a educação de jovens e adultos**. Petrópolis. Vozes, 2012.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Ministério da Educação. **Proposta curricular para educação de jovens e adultos: primeiro segmento do Ensino Fundamental**. Brasília, 2001.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais de Geografia: ensino de quinta a oitava séries**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 25. 2005. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 2 maio 2018.

CALLAI, Helena Copetti. **Geografia em sala de aula: pratica e reflexões**. Porto Alegre: Ed da UFRGS, 1998.

CANO, Márcio R. de Oliveira. **A reflexão e a prática no ensino**. São Paulo. Blucher, 2012.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos; GOULART, Ligia Beatriz. A questão do livro didático em Geografia: elementos para um debate. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010. p. 133-136.

CAVALCANTI, Lana de Souza Cavalcanti. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia. Editora Alternativa, 2005.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e práticas de ensino**: Geografia escolar e procedimentos de ensino numa perspectiva sócio construtivista. Goiânia, Alternativa, 2002.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 6. ed. São Paulo. Cortez, 1984.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática educativa. 55. ed. Rio de Janeiro/São Paulo. Paz e Terra, 2017.

JARDILINO, José R. Lima; ARAUJO, Regina M. Bonifácio de. **Educação de Jovens e Adultos**: sujeitos, saberes e práticas. 1. ed. São Paulo. Cortez, 2014.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor**: aspectos cognitivos da leitura. 10. ed. Campinas: Pontes, 2077.

MARTINS, Rosa E. M. W.; TONINI, Ivaine Maria; GOULART, Ligia B. **Ensino de Geografia no contemporâneo**: experiências e desafios. 1. ed. Santa Cruz do Sul. EDUNISC, 2014.

MATERIAS. O que é ensino fundamental? Disponível em <<https://www.materias.com.br/educacao/ensino-fundamental-e-ensino-medio.html>>. Acesso em: 30 de novembro de 2018.

NOVA ESCOLA. **Como a EJA mudou a vida deles**. Disponível em <<https://novaescola.org.br/conteudo/11606/como-a-eja-mudou-a-vida-deles>>. Acesso em: 15 out. 2018.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. **Para ensinar e aprender Geografia**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009. (Coleção docência em formação. Série Ensino Fundamental).

PROPOSTA CURRICULAR. **Educação para jovens e adultos**: ensino fundamental: proposta curricular-1º segmento. São Paulo. Ação Educativa: Brasília. MEC. 2001

RODRIGO, M. J.; ARNAY, J. **Conhecimento cotidiano, escolar e científico**: representação e mudança. São Paulo: Ática, 1998.

SCHWARTZ, Suzana. **Alfabetização de Jovens e Adultos**: teoria e prática. 2. ed. Petrópolis. Vozes, 2012.

SENADO. **Atividade Legislativa**: Art. 208. Disponível em <[https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988\\_atual/art\\_208\\_.asp](https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_atual/art_208_.asp)>. Acesso em: 3 set. 2018.

VEIGA, Ilma P. Alencastro. **Técnicas de Ensino**: Por que não? 21. ed. Campinas. Papirus, 2011.

VESENTINI, José William. **Geografia e ensino**: textos críticos. 4. ed. Campinas. Papirus, 1995.

---

Recebido em: 12 dez. 2018

Aceito para publicação em: 5 fev. 2019